

## PARECER A

# Entre Terreiros, Unidades de Internação e Grupos de Internet: Etnografando Mobilidades nas Fronteiras do (I)Lícito e do (In)Formal em Alagoas<sup>1</sup>

*Nido Farias dos Santos<sup>2</sup>*

*Ada Rízia Barbosa de Carvalho<sup>3</sup>*

*Rangel Ferreira Fideles do Nascimento<sup>4</sup>*

Completo em: 2021-10-05 12:48

Recomendação: Aceitar

### 1. O título é compreensível e conciso e reflete o conteúdo do artigo:

### 2. O resumo é bem escrito, apresentando introdução, objetivos e conclusões, refletindo o todo do artigo.

### 3. As palavras-chaves estão adequadas ao artigo.

### 4. O artigo é escrito com linguagem e gramática adequada.

<sup>1</sup> <https://doi.org/10.21669/tomo.vi40.15840>

<sup>2</sup> Doutorando em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Alagoas. Mem-bro do Gruppaaes - Grupo de Pesquisa Periferias, Afetos e Economia das Simbolizações. E-mail: nidofarias@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Mestra em sociologia pelo PPGS/ UFAL. Doutoranda em sociologia no PPGS/USP. Membro do GRUPPAES. E-mail: riziaada@gmail.com

<sup>4</sup> Mestrando em Sociologia pela Universidade Federal de São Carlos. Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Alagoas. Pesquisadora membro do Grupo de Pesquisa em Periferias, Afetos e Economia das Simbolizações (PPGS/UFAL). Pesquisadora convidada do Grupo de Pesquisa em Sexualidade, Entretenimento e Corpo (PPGS/ UFSCAR). E-mail: rg.fideles@gmail.com

**5. O artigo é bem estruturado e com argumentação coerente, com introdução, desenvolvimento, conclusão.**

**6. O artigo utiliza formato e bibliografia adequados, com citações e notas concisas e coerentes.**

**7. O argumento é original e inovador para as Ciências Sociais e representa contribuição significativa para área:**

**8. Escreva seu parecer avaliativo conciso sobre o artigo argumentando sobre os pontos negativos e positivos.**

O artigo “Mobilidades a partir das margens” apresenta um estudo etnográfico de mercados ilícitos diversos, feitos através de mobilidades intra e transnacionais, a partir de três personagens. O problema proposto é arrojado e bem respondido por meio de uma escrita excelente e cativante e de um argumento muito bem organizado, exposto e articulado. O artigo também está bem referenciado em estudos brasileiros e estrangeiros contemporâneos e estabelece um diálogo teórico de alto nível. Em suma, o artigo é excelente e recomenda-se sua publicação.

Há, a despeito disso, um pequeno conjunto de aspectos que poderiam ser melhor trabalhados, mesmo que não obrigatoriamente.

1. Salvo engano deste parecerista, o conceito de “cena”, referenciado em Florence Weber, talvez não seja tão útil para o tipo de etnografia realizada ou, em todo caso, exposta. Ele não parece dar conta de situações construídas por pontos de vista de interlocutores. A noção de trajetórias ou de situações ou, mesmo, de contexto etnográfico parecem mais proveitosas.

2. Na parte “Cena de Ruth e o transporte de cocaína”, é lançado um conceito de “tráfico de drogas” de Lúcia Sena, exógeno à descrição, que poderia servir para outros tantos mercados e que dialoga pouco com a etnografia. Pergunto se é necessária uma definição exógena desse mercado – e, sobretudo, uma definição

que caberia para outros mercados – ou se a pesquisa e o artigo trazem consigo alguma definição mais situada. Não se trata, aqui, de uma defesa etnográfica por si mesma. Mas o “tráfico de drogas” é um típico objeto que dificilmente pode ser totalizado numa definição universal, por conta de sua intensa e extensa heterogeneidade, atualidade e figuração. O artigo poderia, ao fim, trazer uma definição própria e situada, talvez não do tráfico de drogas, mas de mercados ilegais.

3. Na parte IV, o artigo afirma, a partir da trajetória de Ruth, que “migrações que também abrem novas possibilidades de aproximação e atuação nas redes criminais, como as facções PCC e CV, para esses jovens”. Por um lado, essa afirmação (mais uma vez, salvo engano) parece vinculada a uma informação que aparece somente em nota de rodapé (n. 11) a respeito do envolvimento da jovem com um empreendimento de tráfico de drogas de grande porte, que teria levado o namorado à prisão. Essa informação, ao lado do envolvimento da mãe no crime, não necessariamente leva às facções (ainda que isso tenha certa probabilidade). Por outro lado, o que a descrição aponta é mais uma preocupação nova do sistema carcerário (na face “socioeducativa”) com essas possíveis conexões. Isso é muito relevante, pois colabora na existência das facções num sentido mais amplo que do que formação de grupos criminais: como forças simbólicas, produtoras de afetos e transformações estatais. Essa existência fantasmagórica/espectral das facções tem sido central para a reorganização do sistema carcerário brasileiro com implicações fortíssimas na gestão dos ilegalismos, extrapolando muros das prisões. E fora do sudeste essa transformação estatal deu-se justamente no período das situações etnografadas pelo artigo. Esse ponto se conecta a anotações, no arquivo, sobre a maneira como a noção de “crime organizado” é agenciada.

4. O artigo mobiliza o conceito de “luta por reconhecimento”. Poderia potencializar isso com alguma discussão teórica. Sobre o tema, há por exemplo, um debate entre Axel Honneth e Judith Butler. Mas pode-se encontrar outras variações brasileiras e latino-americanas em diálogo com estudos pós-de-coloniais que remontam a Fanon.

5. Por fim, na conclusão, o artigo afirma que: “as interpenetrações entre a participação e satisfação de pessoas em fronteiras ilegais/legais, ilícitas/lícitas aponta para um plano em que os vínculos sociais parecem estar pressionados por ideais de segurança frente a um contexto afetado profundamente por remodelagens”. Ainda que seja uma afirmação potente, que desloca a problematização comum da “segurança” em oposição ao “crime”, dialogando com

o tema da “proteção” (mas num plano mais afetivo, sem bem compreendi, da “segurança ontológica” citada em algum momento), essa conclusão não está tão bem articulada com o restante do texto. “Ideais de segurança” aparecem efetivamente em que momentos da descrição das três situações? O caso de Lorival talvez ilustre melhor. Mas, nos demais, como isso se faz presente?

6. O título reflete o conteúdo do artigo. Ainda assim, está bastante genérico. Poderia ser melhorado com alguma alusão

7. Há mais um ou outro aspecto pontual no arquivo enviado, na forma de comentário.

### **Seu parecer é:**

Pela publicação sem ressalvas (salvo revisão gramatical)

### **Recomendação**

Aceitar